

**EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS  
COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE**

EDUCATION AS A PRACTICE OF FREEDOM: ESCRIVÊNCIAS (LIFE-WRITING  
NARRATIVES) IN THE DAILY LIFE OF THE PEDAGOGICAL PRACTICES IN  
HEALTH COURSE

LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD: EXPERIENCIAS EN LA VIDA  
COTIDIANA DE LA DISCIPLINA DE PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN SALUD

Paulo Sergio Souza Vasconcelos<sup>1</sup> <https://orcid.org/0000-0003-2254-1353>

Patrícia Sampaio Gonçalves<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0001-9053-4740>

Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt<sup>3</sup> <https://orcid.org/0009-0006-1564-7896>

Lívia Andrade Coelho<sup>4</sup> <https://orcid.org/0000-0003-0859-0271>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Bahia, Brasil; [pssvasconcelos@uesc.br](mailto:pssvasconcelos@uesc.br)

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Bahia, Brasil; [posampaio.efe@uesc.br](mailto:posampaio.efe@uesc.br)

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Bahia, Brasil; [aomartins@uesc.br](mailto:aomartins@uesc.br)

<sup>4</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Bahia, Brasil; [livia@uesc.br](mailto:livia@uesc.br)

**RESUMO:** Este artigo, trata-se de um relato de experiência, com estudo descritivo e reflexivo, de abordagem qualitativa. Tem como objetivo relatar os cotidianos na/da monitoria, refletindo sobre a educação como prática da liberdade, apresentando as escrituras emergentes na monitoria da disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde, que é componente curricular obrigatório do Curso de Enfermagem, ofertada no 7º semestre, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA, período de 01 de fevereiro a 31 de julho do ano de 2024. Nesse sentido, far-se-á a descrição e análise do processo de formação do enfermeiro; a contextualização da educação como prática da liberdade; o desenvolvimento de reflexividades sobre os *fazerespensares* nos/dos/com os cotidianos da monitoria; a apresentação das escrituras no cotidiano da disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS) e; seus impactos na formação acadêmica e profissional. Conclui-se que a vivência de/na monitoria na disciplina de PPS mostrou-se relevante não só para a formação pessoal, acadêmica e profissional da monitória-discente, mas, também, para o docente-orientador, propiciando o aprofundamento e apropriação do que fundamenta a disciplina PPS, a partir do estudo das diversas abordagens de ensino e das metodologias emancipacionistas que contribuem para a autonomia dos indivíduos e para a transformação das realidades.

**Palavras-chave:** Educação; Liberdade; Práticas Pedagógicas; Cotidiano.

**ABSTRACT:** This article presents an experience report based on a descriptive and reflective study with a qualitative approach. It aims to describe the daily experiences within/from the course monitoring process, reflecting on education as a practice of freedom, and presenting escrituras (life-writing narratives) that emerged during the monitoring of the Pedagogical Practices in Health course— a mandatory curricular component of the Nursing program offered in the 7th semester at the Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA, from

# EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

February 1 to July 31, 2024. In this context, the article offers a description and analysis of the nurse training process; a contextualization of education as a practice of freedom; the development of reflections on the doings-thinkings within/from/with the daily life of the monitoring process; the presentation of *escrevivências* (life-writing narratives) in the context of the Pedagogical Practices in Health (PPS) course; and its impacts on academic and professional training. It is concluded that the monitoring experience in the PPS course proved to be relevant not only for the personal, academic, and professional development of the student monitor, but also for the supervising professor, by fostering a deeper understanding and appropriation of the foundations of the PPS course, through the study of diverse teaching approaches and emancipatory methodologies that contribute to individual autonomy and the transformation of realities.

**Keywords:** Education; Freedom; Pedagogical Practices; Daily Life.

**RESUMEN:** Este artículo es un relato de experiencia, un estudio descriptivo y reflexivo, con un enfoque cualitativo. Su objetivo es relatar la vida cotidiana de la tutoría, reflexionar sobre la educación como práctica de libertad y presentar las experiencias de escritura emergentes de la tutoría en la asignatura Prácticas Pedagógicas en Salud (PPS). Este es un componente curricular obligatorio del Programa de Enfermería, ofrecido en el séptimo semestre en la Universidad Estatal de Santa Cruz (UESC/BA), del 1 de febrero al 31 de julio de 2024. En este sentido, se realizará la descripción y el análisis del proceso de formación de enfermeras; la contextualización de la educación como práctica de libertad; el desarrollo de reflexividades sobre el hacer-pensar en/de/con la vida cotidiana de la tutoría; la presentación de experiencias de escritura en la vida cotidiana de la asignatura Prácticas Pedagógicas en Salud (PPS); y sus impactos en el desarrollo académico y profesional. Se concluye que la experiencia de/en acompañamiento en la disciplina PPS se mostró relevante no sólo para la formación personal, académica y profesional del estudiante monitor, sino también para el docente-orientador, propiciando la profundización y apropiación de lo que fundamenta la disciplina PPS, a partir del estudio de los diferentes enfoques de enseñanza y metodologías emancipadoras que contribuyan a la autonomía de los individuos y a la transformación de las realidades.

**Palabras clave:** Educación; Libertad; Prácticas Pedagógicas; Vida Cotidiana.

## Introdução

De acordo com Wanda Horta (1968), enfermagem é definida como a ciência e arte de auxiliar o ser humano a atender suas necessidades básicas, capacitando-o para independência por meio da educação, e promovendo sua saúde ao longo do processo de cuidado. Nessa perspectiva, o enfermeiro atua como educador em todas as fases do cuidado, desde a assistência prática até a emancipação do paciente para que ele promova seu próprio autocuidado.

Durante o curso de graduação em Enfermagem, os estudantes podem desenvolver habilidades e competências essenciais para oferecer assistência adequada aos clientes (pacientes). No entanto, além dessa habilidade técnica, é fundamental que um bom enfermeiro também seja capaz de refletir, questionar e compreender plenamente a importância do seu



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

papel e sua posição dentro da equipe de saúde ou onde estiver inserido. Portanto, é imprescindível que o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem contemple componentes curriculares que tanto promovam o desenvolvimento do senso crítico e da capacidade argumentativa, como também proporcionem uma compreensão clara do verdadeiro papel do enfermeiro como educador.

Nessa perspectiva, compreendemos que o papel do docente em sala de aula vai além de simplesmente transmitir conhecimento. É essencial que ele crie um ambiente favorável à interação e estimule o interesse dos alunos em participar ativamente das aulas. Segundo Freire (1996), ensinar é mais do que transferir conhecimento; é criar condições para que os alunos possam construir seu próprio saber. Isso não só poderá promover a socialização e a troca de conhecimentos, como também fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes ao ambiente educacional, de forma a possibilitar a livre expressão e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Assim, acreditamos que o aluno poderá se tornar o protagonista de sua própria formação e melhoria, a fim de ampliar a sua compreensão da realidade e de como transformá-la. Uma educação libertadora se faz necessária, com o escopo de capacitar o aluno a enxergar além do seu contexto imediato e a compreender as complexidades sociais, políticas e culturais que permeiam o mundo (Freire, 1967). Isso é crucial para o enfermeiro, que precisa entender o contexto global para lidar com as individualidades e a integralidade dos indivíduos que cuida. Freire (1979, p. 16) diz que: “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”.

A partir da compreensão da realidade e dos desafios enfrentados em sala de aula, os/as autores/as e atores/as da disciplina de Práticas Pedagógicas na Saúde (PPS) utilizam da escrituragem para escrever suas experiências individuais e coletivas do Projeto de Iniciação à Docência nesta disciplina. Nesse sentido, escrever remete a contar histórias particulares, mas que evocam experiências compartilhadas, tendo a compreensão de que autor/a e protagonista possuem algo em comum, seja por experiência vivida ou contexto social (Soares; Machado, 2017).

O objetivo deste trabalho é relatar os cotidianos na/da monitoria, refletindo sobre a educação como prática da liberdade, apresentando as escrituragens emergentes na monitoria da disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde. Nesse sentido, faremos a descrição e análise do processo de formação do enfermeiro; a contextualização da educação como prática da liberdade; o desenvolvimento de reflexividades sobre os *fazerespensares* nos/dos/com os

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

cotidianos da monitoria; a apresentação das escrituras no cotidiano da disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS) e; seus impactos na formação acadêmica e profissional.

Trata-se de um relato de experiência, com estudo descritivo e reflexivo, de abordagem qualitativa. As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2002). Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa aborda questões altamente específicas, focalizando aspectos da realidade que escapam à quantificação. Concentrando-se nos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando um domínio mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à mera mensuração de variáveis.

A monitora buscou descrever suas vivências, a partir das experiências na disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS), componente curricular obrigatório do Curso de Enfermagem, ofertada no 7º semestre, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no semestre letivo de 2024.1, período de 01 de fevereiro a 31 de julho de 2024. Foi utilizado o ‘diário de bordo’ para fins de registro das atividades, observações e percepções reflexivas nos/dos/com os cotidianos situados da monitoria. Para a coleta de dados foram utilizados os instrumentos de observação qualitativa, rodas de conversas, descrição detalhada da experiência e reflexão crítica.

O docente responsável pela disciplina se utilizava da metodologia ativa “Aprendizagem baseada em Problemas – ABP” para construção coletiva do conhecimento e a promoção da aprendizagem dos/as discentes. Segundo Silva *et al.* (2017), metodologia ativa é um processo educativo que estimula o aprendizado crítico-reflexivo dos indivíduos, estimulando a curiosidade sobre o assunto abordado por meio da aproximação com a realidade dos mesmos, promovendo uma aprendizagem significativa, que Ausubel (1980) conceitua como um processo que ocorre quando uma nova informação se fixa às experiências e conceitos relevantes preexistentes no cognitivo do indivíduo. Dessa forma, foi possível acompanhar o processo de ensino-aprendizagem no decorrer da disciplina de PPS na perspectiva de monitora e acompanhando as vivências dos discentes. As atividades foram desenvolvidas por meio da problematização, utilizando-se de temas relacionados à prática vivenciadas pelos/as discentes.

Acreditamos que é necessário explorar novas perspectivas educacionais que possam promover a autonomia e emancipação dos indivíduos, em especial, na área da saúde. A partir da experiência na monitoria foi possível vivenciar essas perspectivas na prática, em seus

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

cotidianos de *fazerespensares* (Oliveira; Alves, 2008), e observar sua contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional dos envolvidos.

Ademais, por meio das escrevivências é possível compreender de que forma as teorias pedagógicas se manifestam na realidade prática, oferecendo ambiente propício para a formação de futuros enfermeiros, dotados de pensamento crítico e reflexivo. Nesse sentido, este artigo enriquece o campo teórico da educação e da saúde, além disso, oferece subsídios para o aprimoramento das práticas educativas de forma a valorizar a autonomia e protagonismo dos sujeitos envolvidos nos fazeres formacionais, sob a égide da reflexão, criticidade e liberdade.

No desenvolvimento da escrita deste labor científico haverá o enlevo reflexivo sobre o processo de formação do enfermeiro, implicado tanto no que determina as normas que regem o curso de Enfermagem, quanto em suas expectativas; o território teórico da educação como prática da liberdade; os *fazerespensares* nos/dos/com os cotidianos da monitoria; as escrevivências reflexivas das práticas/atividades realizadas na disciplina PPS; e as pertinentes considerações conclusivas.

### **O processo de formação do enfermeiro: entre as normas e expectativas**

A formação do enfermeiro é um processo complexo que envolve a interação entre diretrizes institucionais, exigências acadêmicas e as expectativas da sociedade. Nesse contexto, as normas estabelecidas pelas instituições de ensino e órgãos reguladores desempenham um papel fundamental, orientando a estrutura curricular, a prática pedagógica e os requisitos necessários para a obtenção do título. No entanto, além dessas normas, existem as expectativas de diversas partes interessadas, como os pacientes, os colegas de profissão e as políticas de saúde, que influenciam diretamente a prática do enfermeiro no cotidiano.

Nessa perspectiva, perpassa por ciclos que contribuem para a construção de habilidades e competências, tão necessárias para/na atuação profissional. Nesse processo, o discente é inserido em um contexto assistencial, diluindo práticas nas mais diversas disciplinas do currículo, a fim de formar um enfermeiro generalista, que consiga exercer de forma adequada as práticas aprendidas no âmbito acadêmico. Durante o processo de formação do profissional enfermeiro, percebe-se uma diminuta preocupação com aspectos didático-pedagógicos, tendo maior foco no ensino técnico direcionado a assistência (Fontes *et al.*, 2019).



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

O processo de formação muitas vezes se restringe ao papel do enfermeiro assistencial, negligenciando o potencial do enfermeiro educador que a academia poderia desenvolver. A Resolução CNE/CES Nº 03, de 07 de novembro de 2001, determina que a formação do enfermeiro deve ser generalista, humanista, crítica e reflexiva, com qualificação intelectual e científica e pautada em princípios éticos, pronto a atuar com senso de responsabilidade e compromisso social. Dentre outras coisas, a estrutura do Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem deve garantir “estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constitui atributos indispensáveis à formação do Enfermeiro” (Resolução CNE/CES Nº 03, 2001).

Dessa forma, o enfermeiro poderá ser capacitado a compreender e a valorizar as interações humanas e as diversidades. Nesse cenário, o aprender a aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer são atributos primordiais para formar enfermeiros capazes não somente de atender as necessidades de saúde, mas também serem agentes de mudança e de transformação das suas realidades.

Assim, no processo de formação do enfermeiro, é fundamental incluir componentes curriculares que estimulem o pensamento analítico-crítico-reflexivo, que possam transformar a sala de aula em um ambiente sem fronteiras, com escopo de propiciar reflexões insones para promover novas possibilidades de inéditos viáveis. Segundo Freire (2014a, p. 225), “O ‘inédito-viável’ é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade”.

Sendo assim, é necessário que tanto os/as discentes quanto os/as docentes, no processo de formação, possam potencializar a materialização de inéditos viáveis com o escopo de possibilitar a mudança de realidades, bem como idealizar um novo olhar para sala de aula, para o/a docente/discente e para o seu eu, pois só assim será possível sonhar e fazer com que os sonhos se tornem realidade.

No campo da enfermagem, onde tudo é tão tecnicista, é preciso despertar as inquietações reflexivas, filosóficas, objetivando indagar sobre o *quando*, o *onde* e o *como* fazer para transformar as realidades. É preciso que o enfermeiro se torne um agente de transformação e, para isso, é necessário que a todo momento, desde a academia até o campo profissional, o enfermeiro educador se permita a ter reflexões insones, refletindo e se questionando em busca de mudanças.

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

Com esse fim, são necessárias práticas pedagógicas configuradas na união da teoria com a prática no exercício dialogal do ensino, da aprendizagem e do processo de construção do conhecimento, sob a égide da consciência de todo processo educativo, bem como das ferramentas utilizadas pelos professores no percurso formacional (Silva, 2021). Portanto, as práticas pedagógicas são essenciais para que o enfermeiro possa desempenhar de forma efetiva o papel de educador, trazendo consigo pensamento crítico e reflexivo, tendo-se como agente político, social e emancipatório, consciente de seu papel na transformação de si e da realidade em que está inserido, capaz de em sua práxis, emancipar e ser emancipado.

Para Franco (2016, p. 540), “a práxis trata-se da realização de ações concretas com vistas à transformação do social”. Nesse sentido, a práxis do enfermeiro educador não se esgota em si mesmo, mas se constitui no coletivo, objetivando sua ação pedagógica na formação de indivíduos na busca pela superação da opressão, submissão e alienação, seja cultural, política ou histórica, indivíduos conscientes em seu papel na constituição e na transformação de mundo (Franco, 2016).

Docente e discente são sujeitos em formação, neste processo o ensino-aprendizagem se constrói no coletivo, ambos produzindo conhecimento, pois na sala de aula não existe detentor do saber, mas aquele que promove de diversas maneiras estímulos à curiosidade e a busca pelo ser mais, tornando o aluno o autor do seu próprio aprendizado, não como sujeito inerte, mas no movimento constante de encontrar-se em si mesmo e entender-se no mundo (Lopes, 2011). O processo de ensinar-aprender consubstancia-se através dos diálogos intersubjetivos. Para Freire (1987),

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1987, p. 51).

Por ser o diálogo uma demanda constante nos territórios educativos, pode-se afirmar que ele não pode se caracterizar como qualquer conversa ou troca verbal/escrita entre duas ou mais pessoas. O diálogo deve ser um acontecimento de encontro, de trocas, de solidariedade, de reflexividades, onde os seus participantes intencionam construir significados conjuntamente, reconhecendo os pensares e fazeres do outro, desenvolvendo compreensões com reciprocidade, qualificando as consciências individuais – intersubjetividades.

Dessa forma, o enfermeiro-educador deve ser formado de maneira reflexiva, dialógica e conhecendo os preceitos e movimentos da práxis para que este esteja pronto a lidar com a circunstâncias postas, fugindo da replicação de fazeres e do pensamento determinista, tendo

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

consciência das intencionalidades que regem a sua prática (Franco, 2016). Nesse veio hermenêutico, é mister pontuar que o processo formativo esteja alicerçado, epistemologicamente, nos *pensaresfazeres* da educação como prática da liberdade (Freire, 2022; Hooks, 2013), a fim de poder instrumentalizar o enfermeiro-educador com uma prática pedagógica insurgente, transgressiva e libertadora. Para isso, faz-se necessário compreender e apreender, com movimentos práxicos, o conceito da educação como prática da liberdade, perspectivado no/para o campo de formação em Enfermagem.

### **Educação como prática da liberdade na/para a formação de enfermeiros/as**

Antes de discorrer sobre a Educação como Prática da Liberdade, far-se-á uma incursão conceitual sobre as categorias liberdade e educação. De acordo com o Dicionário Aurélio (2000), liberdade é definida como a faculdade de cada um decidir ou agir segundo sua própria determinação. Muitas outras concepções de liberdade podem ser encontradas, principalmente no campo da teoria, no entanto, a liberdade não pode ficar restrita a teoria e abstração, a liberdade deve ser um ato intencional de rompimento de barreiras (Bervique *et al.* 2008).

Ademais, em linhas gerais, a educação pode ser conceituada como uma convicção filosófica e/ou científica sobre o conhecimento colocada em prática. Nesse sentido, aquele que se propõe a educar, o faz pautado numa convicção referente ao conhecimento (Costa, 2015). Além disso, de acordo com Freire (2003, p. 79), “o conhecimento é processo que implica na ação-reflexão do homem sobre o mundo”, ou seja, trata-se de um movimento contínuo do homem, não em observação passiva, mas numa relação ativa e interativa com a realidade e o meio social que o rodeia, apropriando-se de novas experiências. Sendo assim, ao se tratar de educação pautada nesse conceito de conhecimento, é necessário pensar como colocar em prática esse “movimento contínuo do homem”, pois nesse contexto, a produção de conhecimento requer busca, autonomia, logo, a educação deve ser o estímulo e um guia para essa busca, trazendo sempre consigo a conscientização da incompletude do homem, para que ele continue em seu movimento.

Desse modo, a educação pode ser tratada como um ato de libertação de indivíduos, coadunando com a inferência conceitual da educação como prática da liberdade, explicitada por hooks. Para bell hooks (2017)<sup>1</sup>, a prática da liberdade na educação é uma forma de ensinar

---

<sup>1</sup> bell hooks, assim mesmo, em minúsculas, é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual.

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

que qualquer pessoa pode aprender. Isso parte de um processo de humanização, enxergando os sujeitos não como um depósito de informações, mas como seres dotados de experiências, conhecimentos, cultura e anseios. Ainda, de acordo com Freire (2003, p.89), a educação libertadora é aquela que se tem, como prática social, como instrumento de libertação das classes dominantes, e, portanto, é uma educação política. Paulo Freire expressa também que

“Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual está se encontra sempre no outro (Freire, 1987, p. 33).

Ou seja, a educação bancária tem o conhecimento como algo amorfo epistemologicamente, sem caráter reflexivo, o qual os que se consideram sábios transmitem aos que eles acham que não sabem nada. Essa ideia reflete um *pensar/fazer* de opressão, onde a ignorância é vista como algo que só está no outro, ou seja, nas pessoas que recebem o conhecimento. A educação fincada nessa concepção, entende-se que o educador vai depositar os conteúdos nas cabeças dos alunos, como se fossem recipientes vazios a serem preenchidos, daí vem o termo “bancária”. Esse tipo de educação não tem o poder e nem a intenção de promover a libertação dos indivíduos, pelo contrário, tem o poder de continuar oprimindo, pois não tem interesse em potencializar a consciência de seus educandos. Muito pelo contrário, sedimenta a mais profunda alienação e controle dos discentes. Os educadores fazem uso de uma prática pedagógica ditatorial, em que eles dizem o que definem como certo a ser dito e respondido a todas as perguntas, onde o que é diferente ou contrário a isso é considerado como errado, ou seja, reprovável (Freire, 1987).

Uma prática pedagógica libertadora deve sempre promover a conscientização dos indivíduos, promovendo um ambiente confortável para a reflexão e a criticidade, fazendo com que haja inquietações e um desejo ardente de uma busca incansável pelo “ser mais” (Freire, 1987). O educador deve investir em práticas pedagógicas pautadas na autonomia e autodeterminação dos educandos, em que eles se encontrem como autores do seu próprio conhecimento (Brighente; Mesquida, 2016).

Por exemplo, práticas pedagógicas que consistem na participação ativa do educando, dando a este a liberdade para utilizar de suas vivências e experiências pessoais para a formação de uma consciência crítica e reflexiva, possibilitando a construção de um senso de

---

hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa>. Acessado em: 26 jul. 2024.



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

responsabilidade, confiança e liberdade para exercer suas potencialidades na transformação de sua realidade. Nesse sentido, o educador precisa ter consciência da subjetividade de cada indivíduo, tendo em vista as particularidades determinadas por todos os âmbitos de sua vida, e por meio dessa consciência ser capaz de aprender e transformar sua prática pedagógica, dito isto, a educação deve ser um ato de Ação-Reflexão-Ação, isto é, em Práxis (Brighente; Mesquida, 2016).

Para que haja libertação é necessário que seja realizada uma pedagogia crítica, bell hooks (2017) explicita “que a pedagogia crítica procura transformar a consciência, proporcionar aos alunos modos de saber que lhes permitam conhecer-se melhor e viver plenamente no mundo”. Nesse contexto, a construção do conhecimento permite que os indivíduos se comprometam e se engajem no/com o mundo, não mais aceitando passivamente sua realidade, mas, motivado a questionar as estruturas que o envolvem, o moldam e são moldadas por ele, perspectivando novas formas de viver no mundo, e nas possibilidades de mudança de sua realidade.

Vale salientar, que a educação como prática da liberdade se institui, se tece e se oxigena como práxis politicamente intencional na/para a transformação de pessoas e realidades, a partir dos fazeres e pensares nos/dos/com os cotidianos formacionais.

### ***Os fazerespensares nos/dos/com os cotidianos da monitoria***

Nos fluxos dos *fazerespensares* nos/dos/com os cotidianos da monitoria houve a percepção de que o processo de construção do conhecimento se edifica a partir dos devires das ações-reflexões-ações, onde o dispositivo formacional sustentou-se, epistemologicamente, na indexalização tanto do *fazer* quanto do *pensar* sobre o fazer, fazendo – a existência da implicação *prácticateoriaprática*. Com a intencionalidade de ratificar as nossas compreensões reflexivas, tomamos emprestada a escrita de Alves, para também afirmar que

[...] fomos entendendo, em processos individuais e coletivos, as maneiras particulares como se cria conhecimentos nos cotidianos, buscando compreender as diferentes lógicas com que se articulam. Em primeiro lugar, entendemos que, ao contrário do que se dá com o modo de criar conhecimentos nas ciências surgidas na Modernidade, essas maneiras incluem de modo inseparável, o *fazerpensar*, tanto como a *prácticateoriaprática*, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir... (Alves, 2003, p. 2, grifo nosso).

Discorrer sobre os *fazerespensares* (Oliveira; Alves, 2003; 2008) nos/dos/com os cotidianos da monitoria configura-se numa diligência compreensiva de como as “acontecências” cotidianas (Oliveira; Sgarbi, 2008) na/da monitoria estão presentes na



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

tessitura de conhecimentos em rede, perspectivados na potência de uma educação como prática da liberdade, implicados nos contextos da problematização, da insurgência, do diálogo, da dialética e da emancipação social, onde os seus *praticantespensantes* (Oliveira; Alves, 2008) movimentam-se a partir de *prácticasteoriaspráticas* (Oliveira; Alves, 2003, 2008) generativas de atitudes, ações e de atos de currículo emancipacionistas (Macedo, 2011).

Nesse veio interpretativo, consubstanciado em deslocamentos molhados no agir, desterritorializar, dizer, criar, dialogar, lembrar, sentir, trair/alterar curricularmente, pensar, refletir, idealizar, escutar, sistematizar e relacionar – durante o transcurso dos cotidianos da monitoria –, houve a sustentação de quatro movimentos de reflexividades. O primeiro deles, foi nocionar o campo conceitual do “cotidiano” da educação, a partir das proposições conceituais feitas por Certeau (2014) acerca do cotidiano. O segundo movimento foi recuperar o espaço do saber onde quer que ele esteja (Alves, 2000). O terceiro movimento foi instituir a “conversa” (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) como metodologia de estudos, diálogos insones, práticas e de pesquisa, a partir dos *saberesfazeres* enquanto cotidianos de acontecimentos generativos do *serendo* educador/educando (Macedo, 2024). O quarto movimento, uma constância em todos os *espaçostempos* de/na/com a monitoria, configurou-se na ascensão da *emancipação intelectual* (Rancière, 2007) como reflexividade crítica sempre atual e subversiva dos acontecimentos sociopolítico-epistemológico-didático-pedagógicos.

No que diz respeito ao *primeiro movimento* de reflexividade – o campo conceitual do “cotidiano” da educação – molhados nas/pelas aprendizagens oferecidas por Michel de Certeau (1996), oriundas do seu amplo campo de teorização sobre o “cotidiano ordinário”, apreendemos como seres sociais/relacionais na/da docência/discência/monitoria, que

[...] “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada às vezes velada” (Certeau, 1996, p. 31).

Dito com outras palavras, o cotidiano não pode ser nocionado como algo sem importância ou insignificante, mas como uma territorialidade preponderante da experiência humana, do poder e da resistência – é um espaço de dominação, mas também de criação, astúcia e de força criadora, uma contrapartida necessária ao poder e um mecanismo de preservação da vida e da singularidade. O cotidiano nos oferece rotinas, normas, horários, hábitos, regras que nos são compulsoriamente colocadas pelas instituições sociais que pertencemos, de maneira não necessariamente violenta ou explícita, mas silenciosa e

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

contínua. Destarte, o cotidiano é, portanto, o território do poder, exercido de modo mais sutil, imperceptível no dia a dia dos indivíduos da organização social.

A materialidade da opressão se dá a partir da internalização das normas do cotidiano – hábitos, modos de falar, de pensar, de agir e até de desejar. Por isso, Certeau nos alerta que o cotidiano é tão difícil de perceber criticamente, haja vista que vivemos dentro dele, não fora. Há uma história no cotidiano desenvolvida no seu fluxo diário, uma história de acontecimentos, mas, não de grandes acontecimentos. É uma história fragmentada, miúda, anônima – no caso específico da educação, feita de movimentos comuns: caminhar pela escola, conversar, improvisar, ministrar aulas, participar de reuniões, de estudos coletivos, ‘seguir’ normas e rotinas etc. A história do cotidiano encontra-se “em retirada”, conforme nos alerta Certeau, porque ela não costuma ser registrada, não aparece nos discursos dominantes e acontece nas brechas do sistema. Ou seja, é a história do conjunto de ações, métodos e manobras – das táticas dos sujeitos comuns, que reinventam o que lhes é imposto.

No decorrer das aulas da disciplina de “Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS)”, inseridos nos *fazerespensares* acontecimentais dos múltiplos contextos na/da monitoria, experienciamos cotidianos ordinários em/da educação, que se inventavam “com mil maneiras de caça não autorizada” (Certeau, 2014, p. 38). Eram momentos singulares e singularizantes de praticar, pensar, agir, fazer, contestar, burlar, subverter, insurgir, sustentar diferenças, problematizar, contextualizar, implicar, imaginar, criar, produzir, de inventar cotidianos não hierarquizantes, não lineares e não centralizados, com o escopo metodológico de sempre oportunizar dinâmicas educativas qualificadas como práticas de liberdade e de transgressão (hooks, 2013).

Certeau (2014, p. 39) nos explicita que

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde *outra* produção, qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

Certeau (2014, p. 39) quando reflete sobre a “produção racionalizada, expansionista além da centralizada, barulhenta e espetacular”, ele está se referindo à produção presentes nas instituições e nos sistemas de poder, configurados pelo Estado, empresas, indústria cultural, os meios de comunicação, o urbanismo, a escola e o mercado. Esse fazer produtivo não é banal, trivial. Ele é planejado, visível, impõe normas, produtos, discursos e modos de uso. É um organizador do espaço e do tempo social. Em contraposição, Certeau afirma que existe

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

uma outra produção, chamada de “consumo” – que não significa apenas usar ou gastar, mas produzir sentidos, usos e desvios. Essa produção do “consumo” é qualificada como *astuciosa*, feita com inteligência prática, improvisação, “malícia” cotidiana; *dispersa*, não é centralizada nem organizada coletivamente; *silenciosa e quase invisível*, não aparece como discurso oficial nem como produto novo. Vale ressaltar que a produção de “consumo” não cria objetos, mas novas maneiras de usar os objetos impostos.

Nesse diapasão reflexivo, a força das diferenças nos *fazerespensares* dos atores/autores curriculantes da disciplina PPS se mantinha nos procedimentos de “consumo”, nos devires de recuperação das astúcias anônimas das artes de *fazerpensar* e viver na sociedade de consumo, edificada com inteligência prática, escapando silenciosamente a qualquer tipo de conformação, doutrinação e naturalização do *status quo*, desenvolvendo fluxos de alteração/traição curricular, onde as insurgências epistemológicas potencializavam novas maneiras de utilizar os espaços e objetos didático-pedagógicos.

No que concerne ao *segundo movimento* de reflexividade – a recuperação do espaço do saber – é imprescindível pontuar que a reassunção do território do saber, no *espaçotempo* de desenvolvimento da monitoria na disciplina PPS, se deu em múltiplos lugares, acontecimentos, nas diversas oportunidades investigativas e de práticas, nos contextos de ensino-aprendizagem presenciais e/ou remotos, nos espaços físicos internos e externos à Universidade, na complexidade das práticas do *fazerpensarfazer*. Isto posto, pode-se afirmar que a recuperação do espaço do saber consubstanciou-se onde quer que ele estivesse configurado como um território de aprendizagem e construção de saberes (Alves, 2000).

Quanto ao *terceiro movimento* de reflexividade – a “conversa” como metodologia de estudos, diálogos insones, práticas e de pesquisa – é mister discorrer que

[...] As conversas nos convidam à inventividade e, por isso, são astutas, porque todo movimento de aprisioná-las falha. São movediças e agem de modo contrário à estaticidade e também são elásticas, por vezes se iniciam, se delongam e retornam ao princípio, às primeiras palavras soltas (Costa; Oliveira; Farias, 2021, p. 221).

Para os autores Costa, Oliveira e Farias, as conversas são processos dinâmicos, criativos, desterritorializantes. Não são atos fixos, mecânicos, passivos. Ao contrário, as conversas se expandem, se esticam, se bifurcam, desenvolvem devires e transgressões, mudam de direção e retornam aos seus pontos iniciais. Elas nos permitem tanto a laborar com criação, reinventando ideias, quanto a nos deslocarmos entre sentidos diferentes, sem nos aprisionarmos em um caminho único, predeterminado. Por isso elas “nos convidam à inventividade”.

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

O convite à inventividade proporcionado pela *conversa* nos faz compreender e, ao mesmo tempo, perceber, que o mais importante desse caminho metodológico é o seu próprio movimento, constituindo deslocamentos outros, bifurcações, fugas, transgressões, atravessamentos e possibilidades de “fuga às normativas científicas erguidas na Modernidade e sustentadas pelas premissas da apreensão da realidade e da busca por verdades absolutas (Costa; Oliveira; Farias, 2021, p. 222).

A *conversa*, como dispositivo metodológico utilizados nas aulas da disciplina PPS, tornou possível a edificação de atitudes mais dialógicas, mais relacionais, proporcionando bons *encontros*, fecundos de escuta, de *com-versações* e de composição de saberes (Macedo, 2024), metamorfoseados em *diálogos cotidianos* intercíticos, multirreferencializados, que nos levaram a pensar, a todo o momento, no nosso processo formativo e de prática, contribuindo na (trans)formação de nós mesmos e do nosso cotidiano.

Esse movimento contínuo de *conversas insones* possibilitou a criação de caminhos didático-pedagógicos de formação para “seres teorizantes” (Carvalho, 2022, p. 15) – serem que exercitavam um pensamento desperto, insone, inquietante, problematizador, prático, insolente, intercítico – que tanto contribuiu para sermos seres teorizados e teorizantes (Carvalho, 2022, p. 20). Enfim, era um movimento de submergir de *dentro para dentro*, tão bem explicitado por Nilda Alves (2008), onde nele “todos os sentidos corpóreos se colocavam em posição de abertura para tentar apreender a dinamicidade das relações cotidianas, sobretudo as tecidas nas escolas” (Costa; Oliveira; Farias, 2021, p. 222).

O *quarto movimento*, configurou-se na potente itinerância de se buscar a todo o momento a ascensão da *emancipação intelectual* de todos(as) os *praticantespensantes* (Certeau, 2014; Oliveira; Alves, 2008) no transcurso da monitoria, tanto docente quanto discentes, na disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS)/Enfermagem/UESC. Os fundamentos teóricos dos *fazerespensaresfazer* de construção da emancipação intelectual sustentaram-se nas ideias propositivas e insurgentes do professor argelino Jacques Rancière, a partir da leitura e estudo da sua obra “O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual” (Rancière, 2007). Tínhamos como diretriz ordenadora dos nossos *fazerespensares* da emancipação intelectual a seguinte palavra de ordem: “todos os homens têm igual inteligência. É possível aprender sozinho, sem mestre explicador, [...] mas não sem mestres” (Rancière, 2007, p. 17-34). Ou seja, todos e todas, nas suas singularidades e diferenças têm/tiveram a oportunidade/capacidade de serem atores e autores curriculantes (Macedo, 2011) em seus processos de desenvolvimento de aprendizados.

Em todas as aulas da disciplina de PPS oportunizávamos a criação inventiva de cotidianos de aprendizados, nos quais os “círculos da potência e da emancipação” (Rancière, 2007) eram substancialmente *pensadospraticados* como dispositivos de problematização, formação e de cidadania político-cognitiva, pois tínhamos e temos a compreensão, sob o lastro teórico-reflexivo de Rancière (2024), que nos *pensaresfazeres* de aprendizados tanto o mestre quanto o aprendiz são partícipes ativos e protagonistas do “círculo da potência” rancieriano – o círculo hermenêutico que nos faz entender e escrever o mundo. Nesse sentido, Rancière assevera que o

[...] **Mestre** é aquele que encerra uma inteligência em um **círculo** arbitrário do qual não poderá sair se não se tornar útil a si mesma. Para **emancipar** um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos, nós mesmos **emancipados**; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano. O ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e o obriga a atualizar sua capacidade: **círculo da potência** (Rancière, 2024, p. 34, grifos nossos).

Por isso, é fundamental que nas relações de discência (Freire, 1987), intercíticas, multirreferencializadas, dialógicas, sejam mais ecológicas entre diferentes saberes, conhecimentos, subjetividades, temporalidades e culturas – ascendendo a *ecologia de saberes* (Santos, 2004).

Isso posto, é fundamental desvelar, a partir do desenvolvimento das escritivências – neologismo que combina “**escritas**” com “**vivências**”, e se refere à escrita que nasce da experiência de vida – a respeito das experiências, vivências, lembranças, acontecimentos, advindos nos/dos cotidianos das práticas e das atividades realizadas na disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde (PPS).

## **Escrivivências nos cotidianos das práticas: reflexões sobre as atividades realizadas na disciplina PPS**

Utilizada pela primeira vez em 1995 por Conceição Evaristo, a palavra *escrivivência* traz consigo um jogo de vocabulário e de ideias com as palavras escrever, viver, se ver. A palavra *escrivivência* carrega consigo histórias de luta e desafios, conseguindo extrair da vida e da literatura significados para a resistência (Evaristo, 2007). O território definidor do termo “*escrivivência*” configura-se em uma representação de ideias, numa escrita que nasce do cotidiano, das experiências, das lembranças, dos acontecimentos da vida do/a seu/sua autor/a.

Nesse veio hermenêutico, iremos escrever sobre as lembranças e experiências vividas no cotidiano da disciplina de PPS, as principais atividades desenvolvidas no semestre

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

letivo de 2024.1, da *com-versação* e da emancipação dos discentes no processo de ensino-aprendizado.

A disciplina de PPS combina teoria e prática de maneira integrada, promovendo uma articulação fluida entre o conhecimento teórico e as experiências vivenciais. Dentre as atividades desenvolvidas, destaca-se: as reflexões oriundas do livro de bell hooks (2013) “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”; socialização de textos base para promover a reflexão e crítica; produções de artigos; construção e execução de projeto extensionista, dentre outros.

Para bell hooks (2013), a educação é um lugar onde o uso de diversos métodos e estilos é valorizado, estimulado e visto como essencial para o aprendizado. A disciplina de PPS tem como escopo didático-pedagógico a geração de um despertar crítico e reflexivo dos alunos, de forma a torná-los independentes e emancipados, com formação política, capaz de se posicionar diante das diversas circunstâncias. Nesse sentido, a sala de aula é muito além das quatro paredes físicas. Ela é um espaço educacional incentivador, que permite a assunção dos “eu” dos indivíduos integrantes do seu contexto formativo, bem como a apreensão das realidades, a fim de possibilitar a compreensão, por parte dos seus componentes, dos seus papéis na sociedade.

Uma das primeiras atividades desenvolvidas em sala de aula pelo docente e pela discente-monitora foi denominada “Reflexões Insones: vamos *conversar*”, inspirada no livro “Ensinando a Transgredir - a Educação como Prática da Liberdade”, de Bell Hooks (2013). Inicialmente, os alunos realizaram a leitura prévia da obra mencionada. Em seguida, foram destacadas algumas citações que serviram de ponto de partida para a turma compartilhar suas inquietações e reflexões sobre o tema. Essa dinâmica promoveu uma integração de conhecimentos e ideias, fornecendo *insights* para futuras produções científicas.

A dinâmica dos processos executórios, constantes no planejamento da disciplina, foi materializada a partir do diálogo interativo e participativo entre o docente, a monitora e os alunos, o qual proporcionou um ambiente democrático, onde os discentes puderam livremente expressar seus medos, angústias, questionamentos e proposições. Esses momentos foram essenciais, pois as atividades subsequentes dependeriam da participação ativa de todos para alcançar a produção final desejada, assim como a transparência da aspiração de se sentirem pertencentes daquele espaço de construção de conhecimentos e desenvolvimento de mudanças – o espaço dos *cotidianos educativos*. Para facilitar esse processo, a cada semana foram disponibilizados textos relevantes, os quais foram lidos, discutidos em grupos e, em seguida, houve a socialização das suas reflexividades interpretativas no coletivo discente. Essas



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

discussões foram fundamentais para explorar os principais temas abordados e preparar o terreno para a elaboração de artigos científicos destinados a publicações futuras.

Uma das principais dificuldades enfrentadas ao longo do componente curricular foi a falta de familiaridade de alguns alunos com os rigores da produção acadêmica. No entanto, ao longo do semestre letivo, com a mediação pedagógica do docente e da monitora, essa barreira foi superada à medida que os alunos se familiarizavam com os processos e exigências da escrita acadêmica. Esse desafio foi encarado como uma oportunidade de aprendizado e crescimento acadêmico para todos os envolvidos. Neves (2012, p. 01), referenda que “[...] à medida que educador e educando se permitem refletir sobre a prática da leitura e da escrita dentro e além dos muros das instituições de ensino superior, abre-se um leque de expectativas e possibilidades de este universo fascinante da leitura conquistar acadêmicos com êxito”.

Enfrentando essa barreira da escrita acadêmica, foi possível produzir nove artigos, dos quais cinco foram aprovados para apresentação em evento e publicado em anais, e os demais serão publicados em E-books. Os discentes tiveram a oportunidade de socializarem em sala de aula os artefatos científicos produzidos, com o intuito de compartilharem o conhecimento e as principais inquietações que os levaram à escrita de suas pesquisas epistemológicas.

Após a conclusão dos projetos científicos, chegou o momento no qual a turma se dedicou ao desenvolvimento de ações de extensão, sistematizadas com o objetivo de desenvolver diálogos epistêmicos e trocas de saberes entre os membros pertencentes à universidade com os da comunidade externa, focando em iniciativas inovadoras. Para isso, sob as orientações do docente e da monitora, os estudantes foram divididos em cinco grupos, cada um responsável por idealizar/problematizar temas relevantes, planejar a execução dos projetos, definir o público-alvo, identificar os materiais necessários e estabelecer as metodologias a serem empregadas.

Inicialmente, houve uma fase de *brainstorming* – explosão de ideias reflexivas – sobre as temáticas, sua importância e como cada projeto seria implementado. Durante esse processo, foi essencial a colaboração entre os colegas, permitindo ajustes e refinamentos à medida que ascendia a necessidade. O público-alvo escolhido foram os adolescentes, e a ação foi articulada em parceria com o Projeto de Extensão “Núcleo Jovem Bom de Vida” da UESC. Posteriormente, os grupos organizaram os materiais necessários e planejaram as atividades detalhadamente, visando a execução no dia 06 de junho de 2024, em um Colégio, situado num município distante da Universidade a aproximadamente 25 km. Foram as seguintes temáticas das oficinas que se configuraram como ações extensionistas:

1. Estratégias Educativas para prevenção integrada de Dengue, Zika e Chikungunya.



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

A temática surgiu após o grupo identificar o elevado índice de casos de Dengue, Zika e Chikungunya em todo o país e, em específico, no município lócus da ação. A estratégia de prevenção foi utilizada com o intuito de promover conscientização dos adolescentes por meio de jogos educativos. Visto que a prevenção é a melhor forma de conseguir controlar e estabilizar os indicadores das doenças.

### 2. A consulta de Enfermagem como instrumento emancipador para transformação social do adolescente.

A educação em saúde sempre é um ponto a ser discutido, mas, falar em saúde dos adolescentes nem sempre é recorrente. O grupo teve o interesse de abordar com os adolescentes sobre seus direitos enquanto usuários do Sistema Único de Saúde, conscientizando os mesmo que existe consulta de enfermagem e que eles enquanto adolescentes têm o direito de serem atendidos em Unidades de Saúde. Como estratégia didático-pedagógica, utilizou-se a “exposição dialogada provocativa e interpelativa”, implicada em conversas no/do cotidiano dos *fazerespensares* da prática, com o escopo de oportunizar aos adolescentes a compreensão e o entendimento no que diz respeito à consulta de enfermagem, os principais tipos de atendimentos e o que era ofertado pelo SUS para esse público. A transformação social partiu-se da emancipação dos adolescentes participantes da oficina, tornando-os independentes e capazes de se posicionarem e serem agentes de transformação.

### 3. Trilhando um caminho de conhecimento de promoção e prevenção a IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis).

Apesar das inúmeras maneiras de prevenção das IST's, muitos jovens e adolescentes ainda desconhecem e/ou ignoram muitas das medidas e consequências das IST's, além disso, o tema não é falado na devida medida e importância que deveria, principalmente pelo estigma e preconceito fortemente presentes no meio social, ao longo da história. Dito isto, o grupo desenvolveu a ação por meio da realização de um jogo contendo os principais tópicos sobre as IST's. A turma foi participativa e conseguiu contemplar o objetivo da ação.

### 4. Possibilitando um novo olhar para si.

A equipe responsável realizou por meio de dinâmica e diálogo aberto um momento para conscientização da importância de olhar para si e se auto cuidar, mostrando ainda a importância dessa prática diária e intencional na promoção da qualidade de vida, tanto no âmbito físico quanto psíquico e emocional, reverberando em suas metas pessoais e nas relações interpessoais de forma positiva. Os alunos se mostraram sensíveis e dispostos a buscar a continuidade dessa prática.

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

### 5. Lava uma mão, lava outra...

Apesar da minimização das campanhas de medidas de segurança após ser decretado o fim da pandemia da Covid-19, medidas como a correta higienização das mãos seguem sendo uma das principais formas de prevenir a contaminação a transmissão de doenças. Nesse sentido, o grupo utilizou de demonstrações práticas da eficácia da lavagem das mãos na eliminação de sujidades e resíduos presentes na pele, quando realizada seguindo as devidas recomendações para tal, conforme disposto pelo Ministério da Saúde. Foi também salientado a importância dessa prática para saúde individual e coletiva, protegendo a si mesmo e aqueles que os rodeiam.

Para bell hooks (2013), quando os alunos se veem mutuamente responsáveis pelo desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado, oferecem contribuições construtivas. Quando se coloca o discente como protagonista do próprio aprendizado é possível perceber como flui a forma de pensar e executar as ações. Nesse sentido, os alunos conseguiram desenvolver ações com temáticas relevantes para o contexto atual e que fizeram com que houvesse participação ativa de todos os adolescentes que ali estavam presentes, no total foram cinco turmas de ensino médio, totalizando 101 alunos participantes.

A disciplina de PPS conseguiu atingir os objetivos elencados no plano de ensino, permitindo aos discentes a possibilidade de vislumbrarem além dos cenários que já estão naturalizados no cotidiano. Foi possível vislumbrar a prática docente nos diversos cenários e contextos existentes, contemplando a totalidade do enfermeiro.

Enquanto discente-monitora da disciplina PPS, foi possível refletir sobre os grandes desafios que a docência apresenta, por meio das escrituras acima destacadas, onde emergiu a consciência da responsabilidade para com o mundo, deixando de olhar para o mundo como algo pronto, estático, sem movimento transformacional. Passou-se assim a enxergar um horizonte de possibilidades, um mundo inacabado, em movimento constante, sempre em construção, com muito trabalho a ser realizado, com devires contínuos.

Escrever desperta no docente o compromisso com o mundo, revela seu potencial para transformar e formar indivíduos capazes de se autodeterminar, modificando suas realidades. A busca constante de metodologias e estratégias insurgentes, que permitam liberdade e pertencimento do discente no território educativo, faz com que muitos docentes não se permitam a se estagnarem e a permanecerem imóveis, inertes. É necessário que o desejo de mudança esteja sempre presente nos pensares e fazeres diários dos docentes/discentes frente às demandas impostas na/pela contemporaneidade. Dessa forma,

veremos futuros enfermeiros formados, convictos de que a mudança é constante e que a todo momento temos algo novo a aprender.

## Considerações conclusivas

A vivência no labor da monitoria da disciplina de Práticas Pedagógicas em Saúde mostrou-se de extrema relevância para formação pessoal, acadêmica e profissional, visto que esse processo propiciou o aprofundamento e a apropriação epistemológica de uma cultura teórica, tanto no que diz respeito a conteúdos ementários, quanto no conhecimento de novos e importantes teóricos, fundamentais para a sistematização da disciplina. Vale também destacar o quanto foi importante a realização da incursão epistêmica nas diversas abordagens de ensino, pois contribuiu para a emancipação dos indivíduos e na transformação das realidades. Além disso, foi possível experimentar o cotidiano da docência junto aos discentes e docente da disciplina, conhecer como se dá o processo de formação do enfermeiro, refletir sobre o impacto das práticas pedagógicas no processo de sua formação e compreender como esse processo pode reverberar na atuação profissional e no exercício de sua prática docente, se assim desejar.

Um dos desafios percebidos no cenário da monitoria na perspectiva docente, foi fazer com que os discentes se reconheçam como autores do seu próprio conhecimento, conscientes e autodeterminados na busca pela qualidade de sua formação acadêmica e pela transformação de suas realidades. Esse desafio pode estar associado a histórica visão “bancária” que ainda domina os alunos e professores presos no tradicionalismo. Freire (1987, p. 83), afirma que “esta visão ‘bancária’ anula o poder criador dos educandos ou o minimiza estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade”, ou seja, mantém os alunos presos na posição de ignorantes absolutos, o que realça ainda mais a importância de se lutar por uma educação como prática da liberdade.

Na perspectiva discente, houve momentos de reflexões inquietantes, a fim de entender como criar brechas insurgentes nos cotidianos dos processos de aprendizados, com o objetivo de tanto construir caminhos metodológicos promotores da/para a sua autonomia epistêmica, quanto para se libertar de uma educação ‘bancária’ e protagonizar a edificação de conhecimentos e saberes plurais, de forma ativa, intercristica e politicamente libertadora. Sendo assim, conclui-se que a educação tem o poder para realizar transformações significativas na sociedade. Para isso, é preciso que o educador tenha consciência do seu papel e o faça de forma engajada, libertadora e implicada nos diversos contextos dos

## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

cotidianos. Pois como afirma bell hooks (2017), as estruturas institucionais maiores sempre irão depositar sobre os ombros do professor a responsabilidade do que ocorre em sala de aula.

### Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis; DP et al, 2008.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **Revista TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/23967>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2000.

AUSUBEL, David Paul, NOVAK, Joseph Donald, HANESIAN, Helen. **Psicologia educacional**. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BERVIQUE, Janete de Aguirre; CARRERO, Márcia Lamarca Cassola; MATTOS, Gabriel Gonçalves et al. O conceito de liberdade de jean-paul sartre na contemporaneidade. **Revista científica eletrônica de psicologia**. Ano VI – Número 10 – maio 2008. Disponível em: [https://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/itIolIjkNokvKHA\\_2013-5-10-16-45-53.pdf](https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/itIolIjkNokvKHA_2013-5-10-16-45-53.pdf). Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1 (79), p. 155-177, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2024.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed. – Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

COSTA, José Junio Souza da. A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Faculdade Católica de Pouso Alegre, v. VII, n. 18, p. 72-88, ano 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2024.



EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA  
DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

COSTA, Sandy Lima; OLIVEIRA, Wenderson Silva; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. Resenha: conversa como metodologia de pesquisa: por que não? **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.3, p. 221-225, set./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/59742/751375153267>. Acesso em: 10 fev. 2025.

DA SILVA, Andreza Regina Lopes; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio. **Metodologia ativa na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. Disponível em: [https://educacao.riodasostras.rj.gov.br/maisedu/media/2022-06-07\\_metodologia-ativa-na-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://educacao.riodasostras.rj.gov.br/maisedu/media/2022-06-07_metodologia-ativa-na-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 23 de jul. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FILHO, Elisio José da Silva; CARVALHO, Maria Inez. **Conversas insones: pensamentos sobre currículo**. Salvador: EDUFBA, 2022.

FONTES, Francisco Lucas de Lima; SANTANA, Rosane da Silva; LIMA JUNIOR, José Gilvam Araújo et al. Práticas pedagógicas usuais do enfermeiro docente para superação do modelo tradicional de ensino. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 23, e249, 14 maio 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/249/424>. Acesso em 15 jul. 2024.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Est. Pedag.** [online], Brasília, 2016, vol. 97, n. 247, p. 534-551. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/m6qBLvmHnCdR7RQjJVspzTq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 15 jul. 2024.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. Acesso em: <https://www.finom.edu.br/assets/uploads/cursos/categoriasdownloads/files/20190628210617.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo (SP): Paz e Terra; 1996.



EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA  
DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

FREIRE, Paulo. Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. O papel educativo das Igrejas na América Latina. In: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 54. ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HORTA, Wanda de Aguiar. Conceito de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 2 (2), set. 1968. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reusp/a/9mNZbmNpQ573hfFdNRYjS6n/?format=pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

LOPES, Rita de Cássia Soares. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. **Dia a dia de educação**, v. 9, n. 1, p. 1-28, 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024.

MACEDO, Roberto S. **Atos de currículo, formação em ato**. Ilhéus: Editus, 2011.

MACEDO, Roberto S. **O encontro** – arte e dispositivo de pesquisa-formação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NEVES, Miranilde Oliveira. Leitura e escrita na academia – reflexos de uma realidade a ser discutida. **Anais do SIELP**. Vol. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: [https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume\\_2\\_artigo\\_234.pdf](https://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_234.pdf). Acesso em: 23 jul. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas** – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alil, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação).

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. 12. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2024.



## EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE: ESCRIVÊNCIAS NOS COTIDIANOS DA DISCIPLINA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SAÚDE

Lívia Andrade Coelho • Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt • Patrícia Sampaio Gonçalves • Paulo Sergio Souza Vasconcelos

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Patricia Amorim da. Prática pedagógica dos docentes. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 6, ed. 2, v. 6, p. 117-125, fev. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/pedagogica-dos-docentes>. Acesso em: 15 jul. 2024.

### SOBRE O/AS AUTOR/AS

**Paulo Sergio Souza Vasconcelos** Pedagogo. Especialista em Coordenação Pedagógica. Mestre em Teologia e Educação. Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz – Departamento de Ciências da Educação (DCIE). <http://lattes.cnpq.br/8112911385649398>

**Patrícia Sampaio Gonçalves**. Graduanda de Enfermagem pela UESC, Bolsista no Projeto de Monitoria “Pedagogia da Práxis como Dispositivo de Reflexividade na/da Docência”, 2024.1. <http://lattes.cnpq.br/1905698017874634>

**Aretusa de Oliveira Martins Bitencourt**. Enfermeira, Especialista em Educação em Saúde. Especialista em Docência em Saúde. Mestre em Enfermagem. Professora Assistente da UESC/Departamento de Ciências da Saúde – DCS. <http://lattes.cnpq.br/5785221835633051>

**Lívia Andrade Coelho**. Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação. Professora Plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – Departamento de Ciências da Educação (DCIE). <http://lattes.cnpq.br/5458336292373255>

### Como citar

VASCONCELOS, Paulo Sergio Souza; GONÇALVES, Patrícia Sampaio; BITENCOURT, Aretusa de Oliveira Martins; COELHO, Lívia Andrade. Educação como prática da liberdade: escrituras nos cotidianos da disciplina de práticas pedagógicas em saúde. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-24, jan./dez., 2025.

